

SUBJETIVAÇÃO, ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E EDUCAÇÃO EM FOUCAULT

ADNA LUSANE NUNES FERREIRA¹

FERNANDA ANTÔNIA BARBOSA DA MOTA²

RESUMO: O artigo visa investigar os conceitos de subjetivação e estética da existência no âmbito da terceira fase do filósofo francês Michel Foucault. A articulação entre os conceitos de subjetivação e estética da existência com outros temas relevantes para o campo da filosofia da educação, tais como a parrhesia e o cuidado de si, evidencia a atualidade da discussão foucaultiana para se repensar tanto o modo como as escolas são estruturadas, quanto o seu papel na formação do indivíduo. Para subsidiar a pesquisa foram utilizadas obras de autores que investigam o processo de subjetivação contido nas obras de Foucault, além das obras do próprio teórico. O aporte teórico de nosso estudo baseia-se em autores como: Foucault (2010; 2011), Gelamo (2009), Kohan (2000) e Mota (2014), dentre outros. Finalmente, mediante a articulação entre o conceito foucaultiano de subjetivação com os demais elementos teóricos do campo da filosofia da educação que investigam criticamente o ensino e a educação, a pesquisa evidencia a necessidade da inserção da subjetivação no espaço escolar como parte de um processo educacional que prioriza a busca por modos alternativos de existência.

Palavras-chave: Subjetivação. Estética da existência. Parrhesia. Cuidado de si. Educação.

ABSTRACT: The article aims to investigate the concepts of subjectivation and aesthetics of existence within the scope of the third phase of the French philosopher Michel Foucault. The articulation between the concepts of subjectivation and aesthetics of existence with other themes relevant to the field of philosophy of education, such as parrhesia and self care, highlights the relevance of the Foucaultian discussion to rethink both the way schools are structured and their role in the formation of the individual. To support the research were used works by authors who investigate the process of subjectivation contained in the works of Foucault, in addition to the works of the theoretician himself. The theoretical contribution of our study is based on authors such as: Foucault (2010; 2011), Gelamo (2009), Kohan (2000) and Mota (2014), among others. Finally, through the articulation between the Foucaultian concept of subjectivation and the other theoretical elements in the field of the philosophy of education that critically investigate teaching and education, the research evidences the necessity of the insertion of subjectivation in the school space as part of an educational process that prioritizes the search for alternative modes of existence

Keywords: Subjectivation. Aesthetics of existence. Parrhesia. Self Care. Education.

Introdução

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista de Iniciação Científica Voluntária (ICV-UFPI). E-mail: a-lusane@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Adjunta no Departamento de Fundamentos da Educação (UFPI). E-mail: fabmota13@yanoos.com.br

Michel Foucault (1926-1984) foi um dos mais célebres filósofos franceses da sua época. Seu trabalho engloba campos como o da filosofia, sociologia e psicologia. Sua obra é dividida em três fases: a primeira é chamada de fase arqueológica, onde desenvolve o que ele chama “arqueologia do pensamento”; a segunda fase é a genealogista, onde ele pensa as relações de poder; e a sua terceira fase intitula-se estética da existência, na qual prioriza o estudo do cuidado de si, onde além de avaliar as relações de poder ele conceitua e reitera a importância dos processos de subjetivação no contexto das práticas de si (CARDOSO JÚNIOR, 2006).

O presente trabalho teve por objetivos identificar nas obras da terceira fase do filósofo Michel Foucault, subsídios para o campo da filosofia da educação, em particular no que concerne a subjetivação como um processo educacional que prioriza a busca por modos alternativos de existência, além de articular os conceitos de subjetivação com elementos teóricos do campo da filosofia da educação.

A terceira fase de Michel Foucault centra-se no cuidado de si, um conceito adquirido dos gregos, que se conceitua como a tarefa de se examinar, controlar-se, de se pôr a prova, e que se reproduz em várias nuances como a parrhesía, os modos de subjetivação, dentre outros. A pesquisa em questão teve com ponto central a investigação da subjetivação no ambiente escolar e com os sujeitos da educação, de modo a conceitua-la e caracterizá-la (FOUCAULT, 2010; 2011).

A subjetivação é o modo como o homem se relaciona com um mundo (saber, poder), e através dessas relações o ser humano internaliza as experiências vividas e molda-se a si próprio, criando um estilo de vida para si. Essa relação é o que Foucault chama “dobras e desdobras”, pois para ele apenas a força do ser humano não é suficiente para que este construa uma arte de viver, e necessário que haja a inserção de outras forças, que se manifestam na natureza, e nos outros indivíduos.

É importante salientar que cada indivíduo é um ser ímpar, portanto a construção da subjetivação acontece de modo singular, pois as experiências vividas não são as mesmas, e ainda que sejam, cada pessoa a enxerga e encara de um modo diferente.

A experiência é um ponto importante para a subjetivação, pois é através dela que o homem se constitui como homem. Segundo Bondía (2002) a experiência é algo que toca, que faz com que o homem sinta, reflita sobre o que o vive e isso o torna um sujeito em constante construção.

A escola, assim como qualquer espaço social é um lugar de subjetivação. Nesse

espaço convergem vários sujeitos: alunos, professores, pais, direção, que criam um estilo de vida próprio. Porém, a escola também é um lugar de sujeição, onde são criados diversos mecanismos que tem como objetivo fazer desses sujeitos o que Foucault denomina “corpos dóceis”, que obedecem e propagam a ideologia vigente.

Nesse espaço também encontra-se o professor de filosofia, que de acordo com o pensamento foucaultiano, através da subjetivação tem a função de ensinar a seus alunos o cuidado de si e conseqüentemente, o cuidado dos outros, o contribuiria para que os alunos rompessem com o modelo educacional a que estão sujeitos.

Estética da existência e cuidado de si.

Na concepção de Foucault, o conceito de estética da existência é o princípio ético do sujeito de fazer da sua vida, seu corpo uma obra de arte, prezando sempre pela liberdade, e buscando a autodescoberta para tornar-se artesão de si. Para que isso ocorra, é necessário o domínio de algumas práticas e saberes da Antiguidade, onde o homem pudesse encontrar autonomia, liberdade, plenitude e satisfação e que irão formar uma *tékne biou* (arte de viver).

Ser artesão da própria vida significa refletir sobre suas ações e as conseqüências que estas irão gerar. A estética da existência é um meio para que o indivíduo construa a sua vida de modo satisfatório, exercendo sua subjetividade de forma plena, e criando seu estilo de vida, através de experiências vividas consigo e com os outros.

A estética da existência relaciona-se diretamente com os conceitos de cuidado de si e governo. Cuidar de si; significa pensar sobre as suas ações, se elas geram conseqüências positivas para si e para os outros. Na Antiguidade Clássica, eram várias as práticas que envolviam leitura, cuidado com o corpo, exame de consciência, ou seja, uma forma de lapidar a própria vida através da sua conduta, para tornar-se um indivíduo livre e capaz de transformação. Cuidar de si significa voltar o olhar para o seu interior, estar atento ao que se pensa e passa na sua vida.

O conceito de governo significa possuir técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens. Para governar é necessário que haja uma produção contínua de verdades sobre indivíduos e ter atitude de obediência. A arte de governar os homens teve profunda influência no século XV, onde foram difundidas as práticas de governo minuciosas que atingiram todas as esferas da sociedade: família, hábitos, trabalho, costumes, etc.

Diante da evolução de tais procedimentos, Foucault (2011) denomina o Estado Moderno como efeito de um processo de governamentalização, ou seja, o fortalecimento do Estado por meio da sua instrumentalização por técnicas e táticas, que resultam numa sofisticação dos meios de regulação da sociedade e do indivíduo.

A estética da existência tem uma estreita relação com o cuidado de si. Este, também chamado *epimeléia heautôï*, designava as várias práticas que envolviam leitura, cuidado com o corpo, exame de consciência, ou seja, uma forma de lapidar a própria vida através da sua conduta, para tornar-se um indivíduo livre e capaz de transformação. Cuidar de si significa voltar o olhar para o seu interior, estar atento ao que se pensa e passa na sua vida.

Aquele que não cuida de si, vive em estado de *stultitia*, que é como um sono profundo, não preocupa-se com a velhice nem com o futuro, não aprende com os erros, está a mercê do que a sociedade lhe impõe. O cuidado si é como um agulhão, que inquieta o sujeito, faz com que ele reflita sobre o seu modo de viver e como pode transformá-lo, é um princípio incondicionado, ou seja, é aplicável a todos.

O homem deve realmente tomar-se como objeto de seu cuidado. Tomando-se como objeto do seu cuidado, há que interrogar-se sobre o que ele é e o que são as coisas que não são ele. Há que interrogar-se sobre o que depende dele e o que não depende. Consequentemente, aquele que tiver se ocupado consigo como convém, isto é, aquele que tiver efetivamente analisado quais são as coisas que dele dependem e quais as que não dependem, se alguma coisa vier a sua representação saberá o que deve e o que não deve fazer, e ao mesmo tempo cumprir os seus deveres enquanto parte da comunidade humana (FOUCAULT, 2011. p. 177).

É na relação com o cuidado de si que o sujeito molda-se. A estética da existência é o modo como o homem constrói a sua vida, e faz dela uma obra de arte, lapidando-se dia após dia, sobre suas imperfeições. É um trabalho do sujeito sobre ele mesmo, afim de que este possa conhecer a verdade. “Ter acesso a verdade é ter acesso ao próprio ser, acesso este em que o ser ao qual se tem acesso será ao mesmo tempo e em contraponto, o agente de transformação daquele que a ele tem acesso” (FOUCAULT, 2011, p.123).

Conforme o referido filósofo francês, todo ser humano possui quatro dobras: a dobra que faz o corpo, a dobra que faz a própria força, a dobra que faz a verdade na relação consigo mesmo, e a dobra da linha do fora, exercida sobre o outro. A construção de si estava no que Foucault denominou *dobras e desdobras*. Para construir sua arte de viver o indivíduo deve exercer a força sobre os outros e sobre si mesmo. “Não é mais o domínio das regras codificadas do saber, nem o das regras coercitivas do poder, são regras de algum modo facultativas: o melhor será aquele que exercer o poder sobre si mesmo” (DELEUZE, 1986, p.

44). A estética da existência é uma construção individual e subjetiva de cada indivíduo, em harmonia com as experiências vividas e internalizadas pelo mesmo. Para Foucault o governo de si trata-se de uma estética da existência.

Todas essas técnicas são meios utilizados para que o indivíduo possa elaborar sua forma de viver, sua identidade e estilo de vida que carreguem consigo valores estéticos e éticos. Uma vez que o homem adquire tais técnicas, o seu modo de ser é transformado, e este torna-se melhor e consciente dos seus atos. Isso porque a soberania que o indivíduo exerce sobre si mesmo, está situada sobre si mesmo, numa relação de si para consigo (FOUCAULT, 2011). Ou seja, o sujeito passa a cuidar de si, estando apto também a cuidar dos outros. A estética da existência visa a autodescoberta, afim de que o homem torne-se artesão da própria vida.

Foucault rejeita qualquer modo de utilização moralista e ordenada da estética da existência. De acordo com Castelo Branco (2008), ele toma partido pela versão mais corrosiva e libertária do cuidado de si, onde o indivíduo se fabrica a partir de uma cuidadosa ontologia e criteriosa reflexão sobre os desafios abertos pelo tempo presente, entrando sempre em luta com poderes hegemônicos.

A ascese é o que permite, de um lado, adquirir os discursos verdadeiros, dos quais se tem necessidade em todas as circunstâncias e acontecimentos e peripécias da vida, a fim de se estabelecer uma relação adequada, plena e acabada consigo mesmo; de outro lado, ao mesmo tempo, a ascese, é o que permite fazer de si mesmo o sujeito que diz a verdade, e que por isso, encontra-se figurado e transfigurado pelo fato de dizer a verdade (FOUCAULT, 2011. p. 296).

A estética da existência é o que faz com que o indivíduo tome as rédeas a sua vida, sem deixar-se controlar pelas regras que são impostas pela sociedade, exercendo a liberdade de forma plena e rompendo com o que é considerado absoluto, interagindo com o outro e com o mundo que o rodeia, adquirindo assim, questionamentos éticos sobre a sua vida.

Para Foucault (2011), o homem que exerce a subjetivação é sábio e possui quatro particularidades: vive com toda a independência, reflete sobre a natureza do governo que se exerce, entretece com seus próprios pensamentos e fala consigo mesmo. O elemento principal na elaboração dessa obra de arte chamada vida, é a palavra reflexão. Para construir-se o indivíduo precisa refletir sobre suas relações com o mundo, de modo que possa perceber qual sua atitude frente aos acontecimentos que lhe ocorrem.

A estética da existência ajuda o indivíduo a formar o eu. A viver a vida de modo a cuidar de si e encontrar sentido no que se vive, para viver racionalmente, saber governar os

outros de forma adequada e ter consigo mesmo a melhor relação possível. Ela nada mais é do que subjetivar-se, construir a si mesmo dia após dia apesar das práticas de controle impostas de forma visível ou velada pelo Estado. O ser humano deve ser artesão da sua vida, construir sua arte de viver de acordo com a relação que estabelece com o mundo e consigo mesmo. Trata-se de educar a si mesmo dentre os infortúnios da vida.

A estética da existência não se vincula a apenas alguns que são considerados artistas, mas adquire um sentido mais amplo, propondo que cada indivíduo seja artífices da própria vida, criando um estilo de vida comunitário, onde é necessário que haja interação com o outro e com o mundo que o rodeia para que o mesmo possa adquirir um questionamento ético sobre sua vida, gerando assim, formas de vida criativas, generosas, solidárias e ousadas. A experiência é um aspecto muito importante para moldar a obra de arte da vida, viver fora do casulo que nos prende, utilizar as tecnologia do eu e a estética da existência para a transformação do mundo que nos cerca. Como profissionais da educação, romper como o modelo cartesiano e exigente que vigora nas escolas para dar asas a liberdade de escolha e pensamento.

Utilizar a experiência em sala de aula é permitir que os alunos mostrem o seu mundo, o que vivem em casa e na sua comunidade, os conhecimentos que permeiam sua vida, pois estes não são uma tábula rasa. Deve-se permitir que o conhecimento vá além do que é planejado e permitido, criar novas possibilidades e estilos de vida, ajudando a gerar indivíduos verdadeiramente livres. O professor é o mediador na relação do indivíduo com sua constituição de si. A escola não deve pensar pluralidade como apenas tolerar o diferente, mas possibilitar experiências educativas que constituam a diferença como possibilidade de trocas, aprendizado, novas relações, contato com outras linguagem e culturas. É preciso parar, voltar o olhar para o outro, escutar, pensar e refletir sobre si e sobre como se educa e se está educando.

É indispensável olhar para si, um olhar voltado para a razão, e que permite olhar, julgar e compreender o que se passa nas representações que o sujeito faz do seu corpo e de sua alma. “É vendo-se a si própria que a alma descobria, no outro, quem ele era” (FOUCAULT, 2011. p. 410). Ser artista da própria existência é ser sábio. Sábio é aquele que vive com independência, reflete sobre a natureza do governo que se exerce, sobre si e sobre os outros, entretém-se com seus próprios pensamentos e fala consigo mesmo. A sabedoria torna o indivíduo sujeito da verdade.

O cuidado de si é um tema existente desde os primeiros filósofos gregos. *Epimeleia heautoû*, ou seja, o cuidado de si, ocupar-se consigo mesmo. Deriva de *gnôti seautón*

(conhece-te a ti mesmo), que significa que a todo instante o ser humano deve examinar-se a fim de não haver nenhum excesso na maneira como conduz sua vida, pois não é um deus, e sim, um mero mortal. Se o homem pratica esse exame de consciência, ele passa a conhecer-se como ser humano e conseqüentemente saberá cuidar de si e dos outros. Foucault (2011, p. 114) coloca que:

O cuidado de si é formulado como um princípio incondicionado. Como princípio incondicionado significa que se apresenta como uma regra aplicável a todos, praticável por todos, sem nenhuma condição prévia de status e sem nenhuma finalidade técnica, profissional ou social.

Sócrates é um dos primeiros filósofos a falar do cuidado de si. Ele é claro: se eu não consigo cuidar de mim mesmo como posso cuidar dos que me rodeiam? Aprender a cuidar é um processo indispensável para a constituição do ser humano e da sua arte de viver. A subjetivação é um meio pelo qual o homem desenvolve esse processo.

Segundo Foucault (2011), o indivíduo constrói a si mesmo a através da sua relação com os outros e consigo mesmo em espaços repleto de mecanismos disciplinares. A forma encontrada por cada indivíduo para resistir a tais mecanismos dá-se o nome de modos de subjetivação.

O processo de subjetivação se dá na relação do homem com o mundo, e a partir dessa relação o ser humano se constrói. O trabalho em questão foca-se num espaço específico onde ocorre a subjetivação: o espaço escolar. Gelamo (2009, p. 36) considera a subjetivação como “um processo que se realiza na tensão entre o movimento de dominação e de resistência que constitui as relações estratégicas de poder”.

Para Foucault (2011, p. 118), “o sujeito é constituído mediante um jogo de forças protagonizado pelas imposições exteriores (forças coercitivas) e pelas relações intersubjetivas (práticas de liberdade)”. O que acontece na verdade é que o sujeito não se dá conta da sua sujeição às práticas coercitivas impostas pela sociedade em que está inserido, e entra como que em um estado de torpor, tornando-se dócil, moldado e enformado.

Modernamente, as subjetividades e a experiência que impulsionam o pensar foram substituídas por tecnologias de fabricação de subjetividades dóceis, por uma certa seriação que não fugisse dos mecanismos de controle e dominação. Assim, na constituição tradicional das subjetividades, pouco importou as deliberações do sujeito que foram moldadas, de modo que ele não tenha se dado conta disso, além de ter suas experiências pautadas na noção de reprodução ao instituído (MOTA, 2014).

No que diz respeito à educação, esta é vista como o instrumento certo para tornar o indivíduo sujeito, pois todo ser humano é capaz de ser educado. Através de métodos baseados na doutrinação e obediência servil, os alunos tornavam-se marionetes à serviço da sociedade dirigente. Exemplos disso são verificados em todas as sociedades totalitárias dominadas por governos totalitários.

A escola é um espaço onde pode-se perceber explicitamente as relações de poder. Um poder que Foucault denomina poder disciplinar, que tem como principal objetivo tornar alunos, professores “corpos dóceis”. O exercício do poder disciplinar pode ser identificado nos dispositivos de subjetivação contidos na escola como: rigoroso horário de aula, nas cadeiras enfileiradas, no professor como a figura de grande autoridade, na rigidez das provas, punição, recompensa, dentre outros métodos.

O grande problema é que esses dispositivos de subjetivação estão a serviço da ideologia dominante. As subjetividades estão aprisionadas. Os bons alunos são aqueles que obedecem o professor, que não questionam, que fazem os exercícios sempre de forma exemplar, e que por esse motivo recebe elogios e recompensas. Desse modo, enquanto os alunos que enfrentam o professor e discordam da sua opinião são considerados rebeldes, desobedientes e conseqüentemente são punidas por suas atitudes. Segundo Kohan (2000, p.145):

As escolas são territórios de constituição de indivíduos em sujeitos, ou seja, espaços de sujeição deles a um outro pela dependência e controle instituídos pelas técnicas do poder disciplinar aí disseminadas e também sujeitos a si mesmos pela consciência e conhecimento de si que aprendem tanto pelo regime de verdade-saber reinante na escola, quanto pelas tecnologias do eu por ele experimentadas.

Na obra *A escola é de vidro*, Rocha (2003) traz a história de que em determinada escola todas as crianças assistiam aulas dentro de um vidro e aquela que saísse do seu vidro seria punida, até que em certo dia aparece um novo aluno que não cabe no vidro, o que causou um grande problema pois outras crianças também não queriam mais usar o vidro, então em certo momento as crianças quebraram todos os vidros e passaram a estudar fora deles. O vidro é uma analogia ao poder disciplinar, além de uma forma de aprisionar a subjetividade dos alunos.

Foucault explicita que, todo ser humano é cercado por uma série de forças, além de sua própria e é através do encontro das mesmas que acontece o processo de subjetivação. É a partir da criatividade, imaginação, vontade, recordação e o que cada indivíduo faz com elas que o ser humano constrói a sua arte de viver. Cada subjetividade é ímpar, ou pelo menos

deveria ser, mas o que acontece é que através dos mecanismos de controle estabelecidos pelo Estado, as mesmas estão aprisionadas nas regras, fardamentos, controle de horários, castigos, dentre outros.

Nesse contexto de sujeição, em contrapartida, surge a figura do professor de filosofia. Kohan apresenta uma proposta “no sentido de conceitualizar a prática da filosofia nas escolas, de forma que esta possa contribuir para alargar a prática de liberdade nas escolas”. A proposta de Kohan (2000) propõe três diretrizes no que diz respeito a prática filosófica para pensar a subjetividade nas escolas: 1) colocar em questão os procedimentos, regras, que constituem nossa subjetividade (rever nossas atitudes); 2) reconhecer, compreender e avaliar as pressuposições e consequências de tais dispositivos; 3) resistir aos dispositivos de subjetivação dominantes.

Para que a filosofia cumpra esses papéis é necessário que o professor pare de reproduzir apenas o conhecimento adquirido dos filósofos e passe a pensar o conhecimento filosófico através do cuidado de si. O cuidado de si tem origem em Sócrates quando este propõe a máxima “Conhece-te a ti mesmo”, que possui duas dimensões: se conhecer e cuidar de si mesmo. É necessário que o professor de filosofia exercite seu pensamento, viva a experiência de pensar, ao invés de apenas conhecê-la. Esse movimento do pensamento devia ser colocado em prática também pelos demais professores responsáveis por qualquer outra disciplina acadêmica. Resumindo, trata-se de cuidar de si para poder cuidar do outro. Gelamo (2009, p. 96) explica que:

Cada um que cuida de si e do outro é movido a criar para si um estilo de vida em que o cuidado, o pensamento e o conhecimento estejam interligados em uma possibilidade de invenção de si mesmo no pensamento filosófico... Nesse sentido podemos pensar o ensino da filosofia como um lugar onde se aprenda a cuidar e onde se aprenda a fazer da própria vida uma obra de arte.

O cuidado de si exercido de forma correta torna-se um meio de resistência às formas de dominação que são impostas pela sociedade. Gelamo (2009, p. 97) ainda salienta também que “a atitude do cuidado de si se afigura como caminho para nos desassujeitarmos da repetição e da obediência a códigos que submetem nossa ação educacional a esses modelos, e como possibilidade de fazermos de nossa própria vida, no ensino da filosofia, um lugar de experiência”.

Parrhesia e Subjetivação

No decorrer da pesquisa foi possível constatar que dentro do ambiente escolar como em qualquer outro espaço, existem os mecanismos de subjetivação enunciados por Michel Foucault. Estes se ampliam a todos os sujeitos do universo escolar: alunos, pais, professores, direção. Dentro desse espaço todos se sujeitam entre si. Os alunos são sujeitados pelo professor, que é sujeitado pela direção, esta se sujeita aos pais, gerando assim um círculo vicioso.

O que acontece é que a sociedade criou um modelo ideal de sujeito (padrão de beleza, como deve falar, pensar, agir) e o insere no ambiente escolar e no processo formativo dos alunos e que este é o sujeito que será “bem visto” por todos. Surge então o conceito de governar, que significa agir sobre os outros. A governamentalidade é o modo que as instituições do Estado encontraram para roubar a subjetividade dos indivíduos. Mota (2014, p.135) explicita que segundo Foucault, “[a]través dos tempos, as relações de poder foram progressivamente governamentalizadas”, de modo que “os poderes instituídos além de exercerem um controle sobre a produção das subjetividades, também se previne contra a proliferação de subjetividades”. Desse modo, a governamentalidade captura as multiplicidades, reduzindo-as a simples pares opostos, já nas sociedades disciplinares, prioriza-se a reprodução em detrimento de tudo aquilo que é novo e imprevisível (ASPIS, 2011).

Outro ponto identificado foi o fato da escola não ensinar para a vida, não estimular o cuidado de si, pois esta instituição, em consequência do Iluminismo, valoriza somente a razão, o que se pode comprovar cientificamente, esquecendo-se da subjetividade de cada um e gerando sujeitos incapazes de cuidar de si e dos outros.

Para Foucault, o sujeito não conhece a verdade, ele não possui capacidade de ter acesso a ela. Para que isso aconteça é necessário que o homem evolua, se reinvente, se transforme como sujeito.

Nesse contexto, é importante destacar ainda que na concepção foucaultiana o cuidado de si ocorre não apenas na relação do indivíduo consigo mesmo, mas também na sua relação com os outros.

Em outras palavras: não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com outro. E o papel desse outro é precisamente dizer a verdade, dizer toda a verdade, ou em todo caso dizer toda a verdade necessária, e dizê-la de uma certa forma que é precisamente a parresia, que mais uma vez é traduzida pela fala franca (FOUCAULT, 2010, p. 43).

O indivíduo necessita do outro para sair de sua ignorância e o mestre é a figura que opera esse processo de autoconhecimento, de formação do sujeito. Quem não teve ainda cuidado consigo mesmo, está em estado de *stultitia*, ou seja, como que em um estado de torpor, onde nada se faz, nada se aproveita, como se estivesse de algum modo doente, doente da alma. Esse indivíduo é *stultus*, não tem cuidado consigo mesmo. O *stultus*, não pensa na velhice, escolhe um modo de vida para cada idade, vive sem nenhuma determinação, não tem objetivos fixos, está em constante mudança de modo de vida e de opinião. Resumindo, ele não quer a si mesmo. De acordo com Foucault (2011, p. 120):

Sair da *stultitia*, na medida mesma em que ela se define por esta não relação consigo, não pode ser feito pelo próprio indivíduo...entre o indivíduo *stultus* e o indivíduo *sapiens*, é necessário o outro. Ou seja: entre o indivíduo que não quer seu próprio eu e o que conseguiu chegar a uma relação de domínio e posse de si, de prazer consigo, que é com efeito o objetivo da *sapientia*, é preciso que o outro intervenha. A vontade característica da *stultitia* não pode querer cuidar de si. Consequentemente como vemos, o cuidado de si, necessita de presença, da inserção, da intervenção do outro.

O filósofo é a figura que aparece para retirar os indivíduos da *stultitia*, ele é aquele capaz de governar a si e aos outros. Para Sêneca, haviam dois tipos de indivíduos: aqueles que precisavam ser guiados, conduzidos e aqueles que deveriam ser empurrados, puxados a força do estado em que se encontravam.

No âmbito escolar, os alunos são sujeitos que se encontram em *stultitia*, ou seja, não conhecem a verdade, pois desde que nasceram a sujeição e obediência estão embrincadas nestes, sua subjetividade foi aprisionada e ele não aprendeu o cuidado de si, consequentemente, o aluno é um indivíduo incapaz de pensar por si próprio e de cuidar de si e dos outros. O professor de filosofia se equipara a figura do filósofo. É aquele que conhece a verdade, que deve incitar nos alunos a construção de modos de vida que resistam ao poder vigente. E a forma de resistência a esse poder, está na relação do sujeito consigo mesmo e com outros. Trata-se de não querer ser governado, mas reinventar-se, tentar construir-se fora do molde tradicional, exercer sua multiplicidade como ser humano, como pensador e criador, de modo a escapar dos aparelhos do Estado.

Nessa perspectiva do cuidado de si, especificamente o da construção da subjetivação dentro do ambiente escolar, é que se pode perceber os modos de resistência ao poder disciplinar. O professor que aprende pela experiência, que se recolhe para cuidar de si, e o fato de recolher-se não significa solidão, medo, mas implica em estar feliz consigo mesmo, sentir prazer na sua própria companhia, é o profissional capaz de ajudar os seus alunos a

construírem sua subjetividade. A relação com o outro é necessária para que tal construção aconteça.

Há três tipos de relação com o outro que são indispensáveis à formação do jovem. A primeira é a maestria de exemplo, que pode ser transmitido ao jovem pela tradição ou pela presença dos ancestrais. A segunda é a maestria de competência, que é a transmissão de conhecimentos, princípios e aptidões aos mais jovens. E por último, a maestria socrática, que é a maestria da descoberta, exercida pelo diálogo.

O problema desta última maestria está em como fazer o jovem aprender de forma plena e satisfatória. Ele precisa de exemplos que possa respeitar, aprender técnicas, habilidades, precisa produzir conhecimento. O professor de filosofia exerce os três tipos de maestria, porém a maestria socrática é identificada em poucos educadores, pois a subjetividade do profissional da educação também foi encarcerada pelos mecanismos disciplinares, e apesar de ter formação e competência suficientes, a maioria dos professores, ensina meramente o conhecimento construído ao longo dos séculos, ou seja, reproduz ao invés de gerar, de questionar, dialogar, como o próprio Sócrates fazia. Como consequência gera-se alunos desmotivados, cansados que não tem outra opção a não ser aceitar o que lhe é imposto e continuar na *stultitia*.

Outra técnica de subjetivação é a *parrhesia*. A *parrhesía*, é o falar franco com sinceridade no coração. A *parrhesía* possui dois adversários: a lisonja e a retórica. O lisonjeador usa de sua retórica para agradar, assumindo um papel de inferioridade em relação ao outro e usando esse artifício para manipular o seu superior. Já o indivíduo parresiata, não busca objetivos particulares. O parresiasta pode sofrer várias calúnias, agressões, por conta de sua franqueza. O ato educativo do mestre parresiasta está no fato de que os próprios indivíduos devem buscar reavaliar-se e construir seus próprios modos de subjetivação (FOUCAULT, 2011).

O professor deve ser aquele que ensina o seu discípulo sobre o saber relacional que é aquele que envolve todo o cosmos, uma vez que o homem o possui, ele se transforma, e constrói o seu *ethos*, que nada mais é que a sua subjetivação, sua maneira de viver. Foucault enuncia a construção do *ethos* da seguinte forma:

Portanto, o que é preciso conhecer são relações: relações do sujeito com tudo que o cerca. O que é preciso conhecer, ou melhor, a maneira como se há de conhecer, é tal que o que é dado como verdade seja lido, de saída e imediatamente, como preceito. Enfim, são conhecimentos tais que, uma vez que se os tem, uma vez que se os possui, uma vez adquiridos, o modo de ser

do sujeito se acha transformado, pois que é graças a isso que nos tornamos melhores (FOUCAULT, 2011, p. 211).

O aluno que constrói a sua subjetividade é dotado de coragem, de ousadia não é fanfarrão, nem alguém que ostenta cultura, mas um homem altivo e independente, pois esta dota a alma do equipamento necessário para seu combate, seu objetivo, sua vitória. Esse indivíduo depende apenas de si, é satisfeito consigo e se orgulha do que construíra.

Conclusão

Diante do que foi estudado, pode-se perceber que a instituição escolar é um espaço focado na disciplinarização e transmissão e reprodução do conhecimento. É necessário que as práticas de si estejam mais presentes na escola. E que o professor apareça como a figura daquele que inspira, que é exemplo, a começar de si, que este possa romper com as amarras da disciplina e através da sua prática pedagógica ajude os seus alunos a adquirir a consciência do cuidado de si e possam construir-se a si mesmos para futuramente cuidar dos outros.

Permitir que a escola aprisione a subjetividade dos alunos, através dos mecanismos disciplinares impostos, é correr o risco de gerar pessoas e profissionais incapazes de pensarem por si só, de viver a experiência do pensar e do cuidado de si, condenando-os a serem apenas uma massa de manobra da ideologia da sociedade dominante.

Para Foucault, as relações de poder são inerentes aos ser humano, a todo tempo este é sujeito. Porém existem formas de resistir aos modelos impostos. O ensino da filosofia, especificamente do cuidado de si no ambiente escolar é uma dessas formas, elas ajudarão aluno a pensar sobre si e sobre sua relação com o mundo, levando-o a criar modos alternativos de existência.

O ambiente escolar deve ser um espaço onde existam mestres parresíastas que sejam capazes de incentivar e aflorar a subjetividade do aluno, que preocupe-se com o cuidado de si e dos outros, e que ensine que cuidar de si é uma condição para cuidar do outro.

Os profissionais da educação estão esquecendo da prática de si, ou nem sequer a conhecem, pois não foram ensinados a cuidar. Como é possível ensinar o que não se aprendeu? Ainda sim, é notável o fato de alguns poucos profissionais mesmo sem conhecimento suficiente, exerçam a prática de si, e ao invés de punir seus alunos, os incentivem a aprender de forma lúdica, dialogada, expressiva.

Os professores estão tão imbricados no poder disciplinar, que não se atentam para a realidade vivida por seus alunos, nos seus medos, nos seus problemas, seus anseios, não cuidam de si e nem dos outros, pois preocupam-se apenas em ensinar e reproduzir, não exercem a maestria socrática, não empolgam, não ajudam, não respeitam o tempo de cada um, e colocam os seus alunos em gaiolas, aprisionam não somente a sua subjetividade, mas também a sua força geradora de conhecimento, a sua criatividade, a chance que este tem também de errar, pois através do erro sempre há aprendizado. Os alunos tornam-se produtos de um meio que deseja que todos sejam iguais, como uma seção de comida enlatada no supermercado.

A solução para os alunos que não se encaixam na escola, ou seja não se sujeitam, não é a punição, e sim o próprio cuidado de si, exercido através da escuta, da compreensão, do entendimento de como aquele indivíduo vive, se relaciona, no enxergar além do “vidro”, que foi preparado para ele. Saber escutar como se deve, ler e escrever como se deve e falar como se deve. Escutar é o primeiro passo para que aconteça o processo de subjetivação, pois é através da escuta que se recolhe o que é verdadeiro. A audição é o mais passivo dos sentidos, não se pode não ouvir o que acontece ao seu redor. O ouvir é o único sentido pelo qual se pode aprender a virtude. Para escutar bem é necessário uma habilidade adquirida e uma prática assídua. É através de tal escuta, da relação criada entre mestre e discípulo, que se abrirão as portas para a construção da subjetivação ou da arte de viver enunciada por Michel Foucault.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima. Um ensino de Filosofia e resistência política e (des)governamentalidade e subversões. . **Educação em Revista**, v. 12, n.1, p. 169-180, Jan./Jun. 2011.

BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Rev. Bras. Educ.[online]. n. 19, jan/fev/mar/abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. Foucault em voo rasante. In: CARVALHO, ALONSO B.; DA SILVA, Wilton C. L. **Sociologia e Educação: leituras e interpretações**. São Paulo: Avercamp, 2006.

CASTELO BRANCO, Guilherme. Estética da existência, resistência ao poder. **Revista Exagium**, Rio de Janeiro, v.1, p.1-13, abril, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade**: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia. Universidade Estadual Paulista, Marília-SP, 2009.

KOHAN, Walter. **Subjetivação, Educação e Filosofia**. Perspectiva, Florianópolis, v. 18, n.34, p. 143-158, jul/dez, 2000.

MOTA, Fernanda Antônia Barbosa da. **O ensino de filosofia da educação como arte da superfície**. 2014.171 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2014.

ROCHA, Ruth. **Quando a escola é de vidro**. São Paulo: Salamandra, 2003.